



Relato de Campo

ABSPORT São Lucas

Data: 16/02/2012

Entrevistado (nome/função): Valdir da Silva, fundador e sócio-majoritário da ABSPORT São Lucas

Pesquisadoras: Aira Bonfim e Karina Alves

Redatoras: Aira Bonfim e Karina Alves

Revisoras: Nahema N.Falleiros e Vivian Brito

Resumo

Fundada em 1990, a empresa ABSPORT é uma loja e confecção que oferece desde artigos esportivos como uniformes oficiais de grandes marcas, até fardamentos personalizados para o público de futebol amador e/ou de várzea, seja ele de campo, futsal ou salão. A empresa entrou no mapeamento realizado pelo Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), dada sua representatividade no universo da várzea.

No mesmo endereço desde o início, a matriz da empresa se localiza na Zona Leste, no bairro Parque São Lucas, tendo a Avenida Ignácio de Anhaia Mello como referência. Há também uma filial no bairro Aricanduva.

A visita ao local ocorreu em 16 de fevereiro de 2012, às vésperas do Carnaval, quando a equipe do CRFB foi recebida por Valdir da Silva, fundador e sócio-majoritário da empresa, que hoje divide o negócio com seu irmão Vanderlei.

Relato

Logo no início do encontro descobriu-se que Valdir é muito ligado ao futebol desde a mais tenra infância. Nascido e criado no bairro do Tatuapé, conheceu o futebol de várzea – sua diversão na época em que era garoto – pelas mãos e passos do pai, Isaías. Homem do futebol, seu pai rendeu-se ao time Vila Paris⁴, do qual chegou a ser presidente. Aos domingos pela manhã, ele e os irmãos, de 7 a 10 anos, iam para o campo, onde assistiam atentamente às partidas. Lá tomou contato com a bola, a partir de brincadeiras com os amigos antes dos jogos dos pais começarem.

Como o time não tinha campo, a cada semana a cidade era percorrida em busca de novas partidas de futebol no território dos adversários: Vila Maria, Penha, Vila Formosa, Artur Alvim, etc. Em 75% das ocasiões as partidas ocorriam na Zona Leste da cidade, mas às vezes também no Brooklin, para disputar com algum time previamente marcado. Aliás, os jogos eram marcados sempre com antecedência em uma espécie de bolsa dos jogos da várzea. Os responsáveis por isso eram da Liga: um grupo de senhores com suas cadernetinhas empunhadas acertando os jogos entre times e os agendando.

Valdir lembrou-se de ter ido com seu pai à Liga algumas vezes, por volta de 1975, quando tinha seus 10 anos de idade. Os encontros aconteciam na semana, em um ponto da cidade que ele não se lembra ao certo – Brás, Belém ou Centro. Ele acredita que a dificuldade de comunicação na época, como a dificuldade de acesso a telefones, motivava essa reunião, em que os organizadores (de 1 a 3) decidiam o local em que cada time iria jogar. Eram jogos sempre amistosos e não de campeonato.

O entrevistado começou a jogar no dente-de-leite⁵ do 7 de Setembro da Água Rasa. Lá competiu no campeonato amador para crianças do Departamento Estadual de Futebol (DEF), pela Federação Paulista de

⁴ O Vila Paris é um time de várzea tricolor nas cores azul, vermelho e branco. Seu distintivo é parecido ao do São Paulo Futebol Clube. O time tinha um campo entre as décadas de 1930 e 1940, extinto com o crescimento da cidade.

⁵ As antigas categorias dente-de-leite, dentinho e dentão são hoje chamadas sub-11 e sub-13.

Futebol⁶, motivo de orgulho para seu pai. Quando não havia jogos no “Sete”, ia para o Vila Paris. Nessa altura, já havia chegado aos quinze ou dezesseis anos e, pela estatura e bom jogo, os veteranos do Vila Paris começaram a chamá-lo para participar de algumas partidas. Jogar entre os veteranos (de vinte e cinco e vinte e seis anos) era um sonho, algo de muito valor. O irmão mais velho, Vanderlei, o acompanhava e havia passado pelo mesmo trajeto. Ambos permaneceram muito tempo no time, cultivando diversas amizades e conhecendo muitos campos de várzea. Como dito anteriormente, o futebol era a principal diversão.

Nesse mesmo período, Valdir ingressou no futebol de salão. Chegou a formar um time no bairro do Tatuapé – que perdura até a atualidade, com mais de 30 anos –, onde atuou em posição defensiva, meio campista, meio volante. Segundo ele, “o cara quando é ruim é multifunção, vai aqui, vai ali...”. O empresário referiu-se a esse período como a várzea “de verdade”, do terrão, com redes por vezes furadas, chuteiras precárias e também rodeada de pobreza. Citou o caso de sua família, que vivia com renda muito pequena. Contou que pegava a chuteira do pai para jogar: tinha a sorte dos jogos do dente-de-leite serem realizados aos domingos, à tarde, depois dos jogos dos veteranos, que aconteciam de manhã, o que lhe dava tempo de pegar o sapato com o pai e chegar ao jogo.

Valdir abandonou a várzea por volta de 2002, dirigindo-se aos pequenos clubes privados. “Hoje há o Interclubes”, lembrou. Restrito à participação de clubes, esse campeonato é disputado em jogos de ida e volta, como Paineiras X Juventus e vice-versa, conforme as faixas de idade – de trinta a quarenta; quarenta a cinquenta e cinquenta a sessenta anos – divididas entre as categorias A, B e C.

A seu ver, isso continua sendo uma várzea, apesar da restrição que a torna um pouco mais “elitizada”. O lado bom disso é a diminuição de atritos, já que, segundo Valdir, em um clube o clima é mais ameno, sem o batuque e o bar na ponta do campo. Mesmo que surja uma desavença generalizada em campo ela se restringe a esse espaço e o ambiente permanece sossegado.

A mudança do futebol amador para o profissional se deu muito por conta de seu trabalho. Como empresário – dono de uma loja de artigos esportivos –, ele tenta aumentar sua carteira de clientes nesse nicho, buscando adentrar

6 Hoje chamado Campeonato Estadual DEF: Bom de Escola; Bom de Bola.

como fornecedor de fardamentos em clubes como Juventus, 7 de Setembro, Clube Ipê, etc.

A trajetória profissional de Valdir teve início na adolescência, quando trabalhou na loja Fabiano Sports. Lá começou a fazer os primeiros contatos e a desenvolver o tino comercial. Sempre convencia os amigos com as chuteiras mais surradas, ou os fardamentos mais velhos, a trocá-los por novos artigos da Loja Fabiano. Quando diziam que ia sair caro, Valdir retrucava: “vai lá que a gente faz negócio”. Ele entrou menino, exercendo trabalhos simples e chegou ao topo da escala gradual de funções da loja, a gerência. Hoje, dono da sua própria empresa, a ABSPORT, busca seguir os mesmos caminhos da loja onde cresceu profissionalmente.

Fundada em 1990, a ABSPORT continua no mesmo local de origem, embora tenha diminuído sua metragem. Hoje de aproximadamente 8x4 metros de loja. De início, Valdir se deparou com a enorme diferença de escala de compra de uma loja que já era líder no setor e de uma iniciante. Enquanto a Fabiano comprava quinhentas bolas para estoque, Valdir adquiria apenas 3.

Luis, antigo funcionário da Fabiano Sports, foi quem lhe ensinou tudo a respeito da postura de um bom profissional, assim como a de um bom vendedor. Anos mais tarde, Luis andava queixoso com a rotina de trabalho na antiga loja e foi convidado a trabalhar na ABSPORT. Convite aceito passou a ser gerente de Valdir, seu antigo aprendiz. Hoje, ele tem a sua própria loja no bairro de Vila Formosa. Valdir comenta que, apesar de concorrente, Luis é um grande amigo seu.

Valdir disse que atende um público que vai de A até D. Em suas palavras, consegue “atender bem a classe D, muito bem a classe C e B e relativamente pouco a classe A”. Considera que o cliente C subestima-se ao considerar que não encontrará nada acessível na ABSPORT. Um equívoco, segundo Valdir.

Seus vendedores são preparados para atender esse público tímido, assim como oferecer liberdade para os clientes circularem e conhecerem a loja de acordo com seus próprios interesses. O empresário acredita que os funcionários jovens, “crus”, são ideais para serem treinados a trabalhar da maneira que a ABSPORT idealizou. Assim como lhe aconteceu, contrata garotos entre quatorze e quinze anos que se saem muito bem (cerca de 80%) no tempo dedicado a loja. Depois da maioridade, seguem seu próprio rumo,

indo atrás de seus interesses pessoais e profissionais.

A ABSPORT consegue atender diferentes faixas de orçamentos em consequência dos diferentes produtos e serviços oferecidos. Segundo Valdir, são sempre produtos de qualidade com preços justos. Há versões A, B e C. Cada uma delas apresenta especificidades que modificam o valor final dos produtos. Com esse leque de opções dificilmente se perde uma venda. Assim, mesmo sem acesso à gama de tecnologia oferecida pelos grandes fabricantes de camisas de futebol, por R\$ 35,00 é possível atingir o mesmo padrão de qualidade das grandes marcas internacionais que custam em média R\$ 180,00 e também são vendidas em sua loja. Valdir compreende as negociações de repasse entre as grandes empresas de uniforme e os respectivos times profissionais de futebol, mas considera abusivo o valor cobrado pela marca das camisas originais dos times profissionais.

Há alguns anos, a média de saída dessas mesmas camisas era de cento e cinquenta por mês – as do Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube, Santos Futebol Clube e Sociedade Esportiva Palmeiras são as mais procuradas. Associação Portuguesa de Desportos e Clube Atlético Juventus, ainda que em menor escala, também ofereciam uma venda significativa: “É como se fosse o segundo time de todo paulistano!”. Nos dias atuais, contudo, os números de vendas caíram para vinte e cinco camisas ao mês, com exceção de períodos de final de campeonato. Para Valdir, o valor exorbitante de empresas como Adidas, Nike, Rebook, Penalty e Topper abrem uma brecha para a atuação de vendedores de camisas falsificadas a R\$ 25,00 em média. Apesar da qualidade inferior, Valdir acredita que a camisa pirata é acessível para uma família que deseja adquirir um artigo do seu time de coração. Ele ressalva ainda a falta de fiscalização nesse tipo de comércio.

Os fardamentos da ABSPORT não têm o nome da empresa. Há um projeto para criar um novo logo padrão, discreto e elegante. O preço de uma camisa produzida pela empresa varia de R\$ 16,00, R\$ 45,00 e R\$ 50,00. O menor preço diz respeito a uma camiseta de poliéster simples com a numeração nas costas. De textura mais grossa, esse tecido esquentaria mais. O valor modifica-se com o acréscimo de detalhes, por exemplo, o encaixe da gola, proteção extra à costura antes visível, etc. O valor intermediário corresponde ao tecido Polidry, que está entre o Poliéster e o DryFit, indicado

principalmente para uniformes esportivos de escolinhas de futebol. Há também a Poliamida, caracterizada pela leveza, indicada principalmente para a confecção de coletes e camisas para corredores (a delicadeza da sua trama não aceita costuras curvilíneas ou mesmo impressões em alta temperatura). Finalmente, o tecido mais cotado para a confecção de fardamentos, o DryFit, é conhecido pela elasticidade, leveza, caimento e dificuldade em deformar ou puxar fios, e foi desenvolvida para não reter o suor dos jogadores, deixando a camisa mais leve. Essa qualidade de tecido dominou a produção de cerca de 90% dos uniformes.

O Dry, como é chamado no ramo das confecções, parte de um fundo branco e recebe o Transfer, técnica de impressão sobre tecido que nos últimos anos substituiu o uso das múltiplas telas de serigrafia. Esse processo permite a transferência do desenho no retângulo de corte da camisa (frente, verso e as 2 mangas). Produzido digitalmente, o desenho permite a inserção de muitas cores e uma infinidade de formas, detalhe fundamental para a confecção de camisas de futebol amador, já que possibilita a inclusão de quantos patrocinadores couberem na medida da peça. Os patrocinadores, por sua vez, estão diretamente ligados à confecção dos uniformes, já que subsidiam o preço desses fardamentos em troca de publicidade: seus nomes, logos e até telefones são estampados nas camisas dos times.

Além do processo de impressão, há o cuidado em especificar o tamanho de cada camisa de acordo com o número e nome de cada jogador quando é o caso. Não há mudança de preço em relação aos tamanhos, já a perda de tecido no momento do corte é a mesma, ou melhor, o tamanho menor produz mais lixo do que o tamanho maior. Um conjunto de vinte uniformes de boa qualidade para compor um time de futebol custa em média R\$ 1.000,00.

Aproximadamente 70% dos times que procuram a empresa de Valdir para produzir seus fardamentos já possuem o estilo da camisa definido. Segundo o entrevistado, isso se dá em razão do acesso à Internet e da divulgação dos jogos internacionais pela televisão. Valdir confessou copiar qualquer estilo de uniforme, tanto nos detalhes quanto nas cores, formas e modelos, à exceção dos logotipos de patrocinadores e brasões dos times profissionais. Hoje são muitos os pedidos de fardamentos imitando os times europeus. Há times que, além do segundo uniforme, também produzem a chamada “camisa de passeio”, no estilo pólo, para ser usada no dia a dia, em viagens e em outras funções que não envolvam o jogo em si. Há também produções de agasalhos

por alguns times varzeanos. A várzea é onde se encontra a chamada “classe C”, a mais interessante na opinião da Valdir.

Um fato interessante narrado pelo entrevistado foi o impedimento, por parte da empresa Adidas, em confeccionar uniformes contendo as clássicas 3 listras da marca. A proibição prevê listras na horizontal, vertical ou curvas. Nem mesmo os numerais, presentes nas costas das camisas, foram absolvidos, já que as 4 listas que os formam, contêm as 3 listras patenteadas pela Adidas.

Por essa razão, Valdir tirou de circulação qualquer produto que faça referência a esses padrões. A ABSPORT é cliente da marca (produtos como as camisas oficiais do Palmeiras são produzidos pela mesma) e, para não haver conflito, acatou ao comunicado enviado pelos advogados da empresa.

O entrevistado revelou também que a ABSPORT tem o próprio time de futebol, cujo presidente é seu pai, Isaías. Como Valdir sempre teve ligação com o esporte, procurou manter-se na prática. Por não jogar mais em campeonatos, montou uma equipe de amigos que participa há 10 anos da Copa Caribe⁴, em Cancun. Há ainda outro campeonato (ou evento) em Serra Negra que reúne 4 times e suas famílias em um hotel para passar o final de semana. Como definiu Valdir, trata-se da várzea, mas uma várzea “elitizada”. É uma alternativa, menos competitiva, com mais confraternizações. São apenas convidados que participam das partidas, portanto, o público é mais selecionado.

Hoje, entre amigos e jogadores, o time ABSPORT forma um grupo de quarenta pessoas que confere muito valor a Valdir. A ideia inicial era reunir trinta pessoas para formar 2 times. Valdir resgatou amigos da época do dente-de-leite, bem como da faculdade, do futsal, amigos atuais e alguns que esporadicamente viajam com eles em campeonatos fechados. Jogam todos os sábados pela manhã no Clube 7 de Setembro da Água Rasa⁵. O campo, antes

⁴ A Copa Caribe é o maior evento de integração esportiva e cultural da América Latina. Em suas dezenove edições (1993-2011) com a participação de mais de vinte e cinco mil pessoas, duzentos e cinquenta clubes sociais e 6 países: Brasil, EUA, México, Argentina, Chile e Uruguai. A programação é repleta de atrações, tais como: festas oficiais, aulas de fitness e dança, passeios turísticos pela Riviera Maia, torneio de futevôlei, vôlei de praia misto e dominó, além do futebol. Toda essa programação acontece em um resort 5 estrelas com sistema all, inclusive. A Copa recebe as categorias Master (acima de quarenta anos), Super Master (acima de cinquenta anos) e Platino (a partir de sessenta anos).

⁵ O campo do 7 de Setembro da Água Rasa é locado. O custo é dividido por cotas. Há 6 pessoas que pagam 50% com aval de todos porque são pessoas que interessam ao time. Valdir ressaltou que eles jogam com o melhor uniforme e com bolas oficiais do(s)

de terra batida dura, agora tem grama sintética. As partidas acontecem das 10h às 12h, seguidas de confraternização e jogo de dominó. Cada um leva seus filhos.

Em agosto de 2011 teve início o movimento de formação do time que já passou pelos campos da Aclimação, Paineiras do Morumbi e CASASPE. Agora equipes convidadas são recebidas para jogar, oriundas dos contatos com os também clientes que visitam o showroom da ABSPORT. Há intenção e potencial para organizar um campeonato interclubes, em 2013. De acordo com Valdir, algo possível tanto pela qualidade, quanto pela vontade do grupo.

Entre os grandes times, Valdir torce pelo São Paulo, mas é político: torce também pelos times que vencem, para que ele venda mais camisas, sem preconceito. Ao contrário de seu pai, são-paulino e anti-corintiano.

Valdir ressaltou em seu depoimento sua visão sobre a várzea. Para ele, o futebol amador mudou muito ao longo do tempo. Os campeonatos interclubes são uma tendência recente. Antes, jogava-se time a time. Cada jogador se filiava a um time “o time do fulano do bar da esquina, o time do Zé, o time do cara que joga no Ceret, o time de alguém do Artur Friedenreich”, por exemplo.

Ele também disse ter percebido outro movimento entre jogadores: o dos jogadores ou “pessoas de clubes” que jogam em campeonatos de várzea, em sua maioria, concentrando-se em uma mesma faixa etária, normalmente acima dos quarenta anos. O que selecionou os integrantes, pois os de cinquenta anos não jogam com garotos de vinte anos, antes, algo comum na várzea, que costumava misturar as idades, subvertendo totalmente as regras na hora de uma partida.

Além disso, eventos como a Copa Kaiser e campeonatos de veteranos no Jardim Elba e Vila Formosa (denominados Quarentão e Cinquentão) acabaram com a dinâmica da Liga. Valdir relatou que isso traz vantagens, pois cada campeonato gera jogos para 4 ou 5 meses e todos disputam entre si. Não é preciso mais correr atrás de jogos como antes.

A ABSPORT não atende comercialmente a Copa Kaiser por não conseguir participar dos editais. Acompanha paralelamente, pois há times participantes ou outros contatos que são clientes correntes de Valdir. A empresa, chegou a

Campeonato(s) Brasileiro e Libertadores, que custam R\$ 400,00. As vantagens da grama sintética também foram citadas: não suja e não estoura a chuteira que está sempre conservada. Todavia ressaltou: são condições privilegiadas, mas sem preconceito ou discriminação em relação aos demais praticantes da várzea.

participar de forma terceirizada dos campeonatos quando eles eram realizados pela Topper. Valdir afirmou, entretanto, que a várzea sempre foi seu carro chefe. “Sempre corri para a várzea”. Ele considera que suas “raízes” estão aí e valoriza muito isso. A várzea ocupa 50% de sua produção hoje e o futebol quase 100% na confecção.

Outros esportes também são contemplados por sua empresa, mas muito timidamente: basquete, voleibol e corrida – além de conjuntos de passeio para times de futebol. Existe também o que Valdir chama de a várzea do futsal. Para ele, na várzea com campo de terra ou grama sintética, ficam os que querem competir. Os que preferem o lazer, amistosos e brincadeira encaminham-se para o futsal e campeonatos interclubes. A seu ver, a várzea se assemelha à religião: ela exige comprometimento e presença obrigatória em todos os dias de jogo do time. Daí muitos migrarem para os campos de futebol society, para o “jogo brincadeira, sem compromisso”.